

pt

TAIZÉ
 2017

Quatro propostas para 2017

***Juntos,
abrir caminhos de esperança***

No início de Setembro de 2016, uma etapa da Peregrinação de Confiança reuniu 7500 jovens africanos em Cotonou, no Benim¹. O tema deste encontro vai inspirar-nos durante o ano de 2017: *juntos* – não isoladamente, mas sustentados uns pelos outros – *abrir caminhos de esperança*, em nós mesmos, em nosso redor e para a família humana.

Eis uma das questões abordadas em Cotonou: para alimentar a esperança, como sair da passividade que se contentaria com a espera duma mudança vinda do exterior? Que compromissos estão ao alcance de todos?

É urgente que aqueles que são de outros continentes escutem os muitos africanos que aspiram a mais justiça nas relações políticas e económicas internacionais: aí reside uma das condições para que possam encarar serenamente a construção dum futuro nos seus próprios países.

Há cada vez mais jovens em África que, para preparar o seu futuro, gostariam de aproveitar o imenso potencial de criatividade que os caracteriza. Eles serão capazes de despertar a coragem de jovens que, noutras partes do mundo, conhecem situações semelhantes.

De forma a continuar a reflexão do encontro de Cotonou, em Taizé e noutros locais, eis quatro propostas que nos conduzirão a abrir caminhos de esperança.

Procuremos formas de concretizar estas propostas na *simplicidade*, uma das três realidades – juntamente com a alegria e a misericórdia – que o irmão Roger quis colocar no coração da vida da Comunidade de Taizé.

f. Alois

¹ Após Joanesburgo (1995), Nairobi (2008) e Kigali (2012), esta quarta etapa africana da Peregrinação de Confiança através da Terra foi organizada, de 31 de Agosto a 4 de Setembro de 2016, em Cotonou, capital do Benim, a convite das Igrejas Católica e Metodista do país. Além do Benim, os mais numerosos entre os 7500 jovens eram oriundos do Togo (800), da Nigéria (550), do Gana (100), do Burquina-Faso (160) e da Costa do Marfim (50). No total, estiveram representados cerca de vinte países. Participaram, também, 60 europeus, vindos de quinze países. A diversidade linguística obrigou ao uso do francês, do inglês e do fon nos ateliês e fóruns. Entre outras línguas, a liturgia integrava cânticos em yoruba e em mina.

Permanecer firmes na esperança; ela é criativa

Foi com uma esperança, para além do que se podia esperar, que Abraão acreditou e assim se tornou pai de muitos povos. (Romanos 4,18)

Nessa esperança temos como que uma âncora segura e firme da alma. (Hebreus 6,19)

Quem não receber o Reino de Deus como um pequenino, não entrará nele. (Lucas 18,17)

Na instabilidade do mundo de hoje, ficamos perturbados com a violência, o sofrimento, as injustiças. Toda a criação geme, como se atravessasse as dores de um parto. O Espírito Santo geme também, mas é o suporte da nossa esperança. (Ver Romanos 8,22.26). Então, o que podemos fazer?

A fé é uma simples confiança em Deus. Não nos oferece respostas completas, mas impede-nos de ficar paralisados pelo medo ou pelo desalento. Compromete-nos, impele-nos a seguir caminho. Através dela, compreendemos que o Evangelho alarga um horizonte de esperança para além de toda a esperança.

Esta esperança não é um optimismo fácil que fecha os olhos à realidade, mas sim uma âncora fixa em Deus. É criativa. Há sinais dela que já estão gravados nos locais mais inesperados da Terra.

- Será que nos atrevemos a acreditar na presença do Espírito Santo nos nossos corações e no mundo? Conseguimos apoiar-nos nele, apesar de ser invisível?
- Que a nossa fé permaneça simples à imagem da confiança das crianças! Não se trata de reduzir o seu conteúdo, mas de nos agarrarmos ao que é central: o amor de Deus pela humanidade e por toda a criação. A Bíblia conta a história desse amor, desde o seu frescor inicial aos obstáculos e, até, às infidelidades humanas. Deus não se cansa de amar: que esta mensagem nos mantenha na esperança!
- Para absorvermos mais esta mensagem, nós e aqueles que nos são próximos, encontremo-nos mais frequentemente na oração comunitária. Que a sua beleza simples torne perceptível o reflexo do mistério divino e conduza a um encontro pessoal com Deus.

Simplificar as nossas vidas para partilhar

Jesus diz: «Eu sou manso e humilde de coração.» (Mateus 11,29)

Recebestes de graça, dai de graça. (Mateus 10,8)

Jesus disse a um jovem rico: «Vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres... Depois, vem e segue-me.» (Mateus 19,21)

A corrida pelo dinheiro, pelo sucesso, a avareza, levam a injustiças e, igualmente, a frustrações. Desenvolver um espírito de partilha, como convida o Evangelho, é um caminho de esperança que precisamos hoje de abrir.

Escolher uma vida de simplicidade é fonte de liberdade e de alegria. A vida torna-se mais leve.

A simplicidade é transparência de coração. Sem ser ingénua, recusa a desconfiança. É o oposto da duplicidade. Permite dialogar sem medo com todos os que encontramos. A vida de Jesus é um exemplo.

- A nível material, procuremos uma simplificação contínua, que nos inspirará gestos de partilha perante o sofrimento humano, a humilhação da pobreza, as injustiças, as provações dos migrantes, os conflitos através do mundo...
- Apoiemo-nos mutuamente para suscitar com coragem sinais de esperança nos nossos bairros, onde trabalhamos ou estudamos, num compromisso social ou ambiental...
- Procuremos, através de um estilo de vida simples e sóbrio, estar em maior harmonia com a criação, contribuindo, assim, para a luta contra os desastres ecológicos e o aquecimento climático. Este combate não compete apenas aos governos. Todos podem, por exemplo, consumir mais produtos locais ou utilizar sobretudo transportes públicos...
- Deixemo-nos tocar por esta interrogação: estarei disposto a seguir Cristo, manso e humilde de coração, escolhendo pertencer-lhe na simplicidade de um sim, em espírito de gratuidade?

Terceira proposta:

Estar juntos para que se revele a dinâmica do Evangelho

Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. (Actos 2,46)

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo. (1 Coríntios 12,4-5)

Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos. (Hebreus 13,2)

A Bíblia conta como dois homens verdadeiramente opostos, Pedro e Cornélio, descobriram uma verdade desconhecida de ambos quando se encontraram. Foi necessário que estivessem juntos para compreenderem que o Espírito Santo faz cair barreiras e reúne os que pensavam ser estranhos um para o outro. A dinâmica do Evangelho revela-se apenas quando estamos juntos. (Ler os capítulos 10 e 11 dos Actos dos Apóstolos.)

Quando os cristãos estão divididos, em confissões ou no interior de uma mesma Igreja, a mensagem do Evangelho é obscurecida. Seremos capazes de caminhar juntos sem permitir que as nossas diferenças nos separem? Se, como cristãos, soubermos mostrar que a unidade na nossa diversidade é possível, ajudaremos toda a humanidade a ser uma família mais unida.

- Cristo reúne numa única comunidade homens e mulheres, crianças e idosos, de todos os horizontes, línguas e culturas e, até, de nações que a História opôs. Procuremos dar sinais simples desta realidade onde vivemos.
- Para ser viva, toda a comunidade é chamada a descentrar-se de si mesma. Será que podemos desenvolver uma atitude de hospitalidade, à imagem de Deus, para com os cristãos que têm posições muito diferentes das nossas? Esta abertura de coração implica um esforço de «tradução», pois as diferentes crenças e convicções podem ser como línguas estrangeiras uns para com os outros.
- Se, entre cristãos separados, perdura a memória de intolerâncias recíprocas na História e todos os nós não podem ser desfeitos,

tenhamos a coragem de acolher, ainda assim, através do perdão, e sem procurar saber quem estava errado ou quem tinha razão. Não há reconciliação sem sacrifício.

- A hospitalidade anda de mãos dadas com o reconhecimento do outro na sua individualidade. Quando as suas crenças permanecem incompreensíveis para nós, estejamos, pelo menos, atentos à sua autenticidade. Que haja um elemento festivo na descoberta do outro!

Quarta proposta:

Fazer crescer a fraternidade para preparar a paz

Jesus não se envergonha de chamar irmãos aos homens. (Hebreus 2,11)

Jesus disse: «Um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos. E, na terra, a ninguém chameis 'Pai', porque um só é o vosso 'Pai': aquele que está no Céu.» (Mateus 23,8-9) Disse também: «Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está no Céu, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe.» (Mateus 12,50)

Jesus disse: «Hão-de vir do Oriente, do Ocidente, do Norte e do Sul, sentar-se à mesa no Reino de Deus.» (Lucas 13,29)

Contribuir para a paz, para a justiça internacional, é outro caminho de esperança que podemos abrir hoje.

A paz na Terra inicia-se no coração de cada um. É em primeiro lugar o nosso coração que precisa de ser mudado, e esta mudança supõe uma conversão muito simples: deixar-se habitar pelo Espírito de Deus, acolher uma paz que se alargará e se comunicará de pessoa em pessoa. «Encontra a paz interior e milhares ao teu redor serão salvos.» (Serafim de Sarov, monge russo, 1759-1833)

- Escrevamos com as nossas vidas novas páginas de uma fraternidade simples, que ultrapassa divisões e muros: muros físicos, edificados em diversas regiões do mundo, muros de ignorância, de preconceitos, de ideologias. Abramo-nos a outras culturas e mentalidades.

- Não permitamos que se instale no nosso coração a rejeição do estrangeiro, pois a recusa do outro é semente da barbárie. Em vez de olhar para o estrangeiro como uma ameaça ao nosso nível de vida ou à nossa cultura, acolhamo-lo como membro da família humana. Visitemos refugiados. Com o simples intuito de os conhecer, de escutar a sua história. E – quem sabe? – outros passos de solidariedade se seguirão.
- Partamos ao encontro dos que são diferentes de nós. Partilhemos com os que pensam de forma diferente, num diálogo em que se escuta verdadeiramente, em que se evita a oposição mesmo antes de compreender o outro. Saibamos estar onde existem divisões. Construamos pontes. Rezemos por aqueles que não compreendemos e que não nos compreendem.
- Multipliquemos os sinais de fraternidade para além da fronteira das religiões. Encontrar crentes de outras religiões incita-nos a aprofundar o conhecimento da nossa própria fé, questionando-nos sobre o que Deus nos quer dizer e dar através dos nossos irmãos e irmãs tão diferentes.

Ao longo dos próximos meses, publicaremos no sítio de Taizé e nas redes sociais testemunhos dos que desejam colocar em prática as «Propostas 2017». Poderão dar-nos a conhecer as vossas iniciativas escrevendo para echoes@taize.fr e permanecer desde já em contacto graças às seguintes páginas:



www.taize.fr/news



[@taize](https://www.facebook.com/taize)



[@taize](https://www.instagram.com/taize)



[@taize](https://twitter.com/taize) (en) [@taize_fr](https://twitter.com/taize_fr) (fr)

Um apelo aos responsáveis das Igrejas para 2017

Fazer caminho juntos!

Em 2017, o 500º aniversário da Reforma Protestante oferece uma ocasião de avançar rumo à unidade, para ir além de uma simples cordialidade recíproca.

Entre Igrejas, como no interior de cada Igreja, existirão sempre diferenças; permanecerão um convite a um diálogo franco e podem ser uma fonte de enriquecimento. Contudo, em todas as Igrejas, a identidade confessional foi paulatinamente colocada em primeiro lugar: definimo-nos como protestante, católico ou ortodoxo. Não terá chegado o momento de dar prioridade à identidade cristã manifestada pelo batismo?

Segue-se outra questão: não deveriam as Igrejas ousar colocar-se sob o mesmo tecto, sem esperar que um acordo seja encontrado em todas as questões teológicas? Ou, pelo menos, sob a mesma tenda: abandonar uma ideia demasiado estática da unidade e encontrar meios, acontecimentos, ainda que provisórios, que antecipem já a alegria da unidade e façam aparecer sinais visíveis da Igreja de Deus, o Corpo de Cristo, a Comunhão do Espírito Santo.

A comunhão entre todos os que amam Cristo não pode estabelecer-se sem respeitar a sua diversidade; porém, apenas será credível se for visível. Temos necessidade de um novo ponto de partida para avançar rumo a esta diversidade reconciliada. O ponto de partida é Cristo, que não é dividido. «É somente por Cristo que somos irmãos uns dos outros... Por Cristo, a nossa pertença mútua é real, integral e para a eternidade.» (Dietrich Bonhoeffer)

Desta forma poderá realizar-se uma partilha de dons: partilhar com os outros o que consideramos ser um dom de Deus, mas, também, acolher os tesouros que Deus depositou nos outros. «Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de receber o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós.» (Papa Francisco)

Como nos poderemos colocar sob o mesmo tecto? Como caminhar juntos? Eis algumas sugestões:

- Entre vizinhos e famílias de confissões diferentes, encontrar-nos como numa «comunidade de base», rezando juntos na escuta da Palavra de Deus, no silêncio e no louvor, ajudando-nos mutuamente, tornando-nos mais familiarizados uns com os outros.
- Que cada comunidade local, cada paróquia, faça com os cristãos de outras confissões tudo o que é possível fazer juntos — estudar a Bíblia, trabalho social e

pastoral, catequese — e não faça nada sem ter os outros em conta. Que sejam reunidos os organismos que efectuam paralelamente as mesmas acções.

- Realizar juntos gestos de solidariedade, estar atentos, juntos, à miséria humana, às angústias escondidas, aos infortúnios dos migrantes, à pobreza material, a todas as formas de sofrimento, à salvaguarda do ambiente...
- Em muitas cidades em que a confiança entre as Igrejas já cresceu, será que a catedral ou a igreja principal se poderiam tornar numa casa de oração comum a todos os cristãos locais?
- Conduzir o diálogo teológico enfatizando a sua dimensão de oração comunitária e com a consciência de estarmos já juntos. Ao tornar mais estreita uma amizade recíproca e rezando juntos, colocamos uma nova luz sobre as questões teológicas.
- Se todos os cristãos receberam uma parte de dom pastoral para cuidar uns dos outros, a Igreja também precisa de ministérios de unidade, a todos os níveis. Um ministério de comunhão a nível universal encontra-se tradicionalmente associado ao bispo de Roma. Não seria possível que as Igrejas desenvolvessem formas diversas de se associarem a este ministério? Será que o bispo de Roma não poderia ser reconhecido por todos como um servidor que vela pela concórdia dos seus irmãos e irmãs na sua imensa diversidade?
- Será que as Igrejas que sublinham que a unidade da fé e o acordo sobre os ministérios são necessários para receber juntos a comunhão não deveriam atribuir o mesmo peso à harmonia do amor fraterno? Será que não poderiam oferecer mais amplamente a hospitalidade eucarística aos que manifestam o desejo de unidade e que crêem na presença real de Cristo? A Eucaristia não é somente o cume da unidade, é igualmente o caminho.

A nossa identidade de cristãos é formada ao percorrer caminho juntos, não separadamente. Teremos a coragem de permanecer sob o mesmo tecto, para que a dinâmica e a verdade do Evangelho se possam revelar?

Rumo à unidade do continente europeu

Perante a chegada de migrantes, ultrapassemos o medo!

O encontro organizado pela Comunidade de Taizé no final de Dezembro de 2016 em Riga reuniu jovens de toda a Europa¹. Vindos tanto de países membros da União Europeia como de países que dela não fazem parte, fizeram a experiência da fraternidade que pode unir pessoas de todo o continente.

Este encontro nórdico permitiu também aos jovens de outras regiões descobrir o rosto báltico da Europa, uma das faces da bela diversidade de povos, cada um com a sua História, as suas tradições, as suas particularidades.

Um futuro de paz necessita que os Europeus alarguem a sua consciência, de forma a fazerem crescer uma solidariedade entre todos os países que constituem o continente. É fundamental multiplicar contactos e formas de partilha e de colaboração.

A construção da unidade do continente não pode ser efectuada sem que, em primeiro lugar, o diálogo e a escuta se instaurem entre os países: os da União Europeia e os outros, os da Europa Ocidental e os da Europa Central e Oriental, os do Norte e os do Sul. Cada país, pequeno ou grande, deve poder fazer ouvir a sua voz, com a sua especificidade. O esforço para compreender o interior da consciência dos outros é condição para que as atitudes, por vezes discordantes, sejam melhor decifradas e não suscitem reações motivadas somente pela emoção.

Poderão os Europeus descobrir que as suas raízes comuns são bem mais profundas do que as suas divergências?

A Europa desenvolveu um impulso de reconciliação após a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, depois da queda do Muro de Berlim, conheceu um novo período de busca da unidade. Muitos jovens pensam que a Europa não continuará a edificar-se sem aprofundar este ideal de fraternidade. Aspiram a uma Europa não apenas unida no interior de si mesma, mas aberta aos outros continentes e solidária com os povos que atravessam grandes provações.

Em todo o mundo, há mulheres, homens e crianças que são obrigados a abandonar a sua terra. É o desespero que cria neles a motivação para partir. É mais forte do que as barreiras erguidas para travar a sua marcha. As manifestações de inquietação nas regiões ricas não desmotivam a deixar o seu país aqueles que lá vivem sofrimentos intoleráveis.

Alguns afirmam: «Não podemos acolher todas as pessoas». Outros, pelo contrário, consideram que os movimentos de populações a que assistimos são inevitáveis, pois resultam de situações insuportáveis. Procurar regular estes movimentos é legítimo e necessário. Abandonar os refugiados às mãos de traficantes, arriscando a sua morte no Mediterrâneo, contradiz todos os valores humanos.

Não é possível ignorar a parte de responsabilidade dos países ricos nas feridas da História e nos distúrbios ambientais que provocaram e continuam a provocar múltiplas migrações, desde África, Médio Oriente, América central, e ainda de outras regiões. Hoje, algumas escolhas políticas ou económicas dos países ricos continuam a provocar instabilidade noutras regiões. As sociedades ocidentais precisam de ir além do medo do estrangeiro, das diferenças culturais, e corajosamente começar a moldar o novo rosto que lhes estão a dar já as migrações. Ainda que verdadeiras dificuldades estejam associadas à chegada de migrantes, a sua vinda pode ser uma oportunidade para estimular a Europa a ser mais aberta e solidária.

Existem locais em que o número de pessoas que chegam é tal que os habitantes se sentem assoberbados e exaustos: um fardo demasiado pesado permanece sobre os seus ombros, pois os países europeus ainda não conseguem assumi-lo em comum. Porém, muitos oferecem um acolhimento generoso aos refugiados e fazem a experiência de que o contacto pessoal desenvolve frequentemente uma bela fraternidade recíproca.

Nada substitui os contactos pessoais. Esta verdade aplica-se especialmente em relação ao Islão. Muçulmanos e cristãos podem procurar gestos para testemunhar juntos a paz e rejeitar em conjunto a violência exercida em nome de Deus. Há 800 anos, no seu desejo de contribuir para a paz, Francisco de Assis não hesitou em ir ao encontro do Sultão do Egipto. A Madre Teresa consagrou a sua vida aos mais pobres, independentemente das suas religiões.

Os países europeus que se queiram isolar não terão futuro. Entre europeus, como perante os refugiados, a fraternidade é o único caminho para preparar a paz.

¹ De 28 de Dezembro de 2016 a 1 de Janeiro de 2017, jovens de todo o continente, católicos, ortodoxos e protestantes, participaram no 39º Encontro Europeu animado pela Comunidade de Taizé em Riga, capital da Letónia. No dia 2 de Janeiro, este Encontro foi prolongado em Talin (Estónia) e em Vilnius (Lituânia). Tratou-se de uma etapa da «Peregrinação de Confiança através da Terra», animada por Taizé há vários anos.

Taizé 2017

Ao longo de todo o ano:

Cada semana, de domingo a domingo, encontros de jovens, para ir às fontes da fé, para procurar formas de abrir juntos caminhos de esperança, em nós mesmos, à nossa volta e para a família humana.

De 20 a 27 de Agosto:

Semana reservada a jovens adultos com idades entre os 18 e os 35 anos, estudantes, jovens profissionais, voluntários ou à procura de emprego. Poderão partilhar sobre o seu futuro à luz da fé. Diversos intervenientes serão também convidados a dar testemunho da sua experiência.

Birmingham (Inglaterra)

Sob o título «Um tesouro escondido», de sexta-feira 28 de Abril a segunda-feira 1 de Maio, terá lugar em Birmingham um encontro de jovens animado pelo irmão Alois e outros irmãos. Será preparado com as Igrejas locais, com o desejo de celebrar os humildes compromissos de numerosas pessoas, nesta cidade particularmente jovem e caracterizada por grandes diversidades étnicas. Jovens de outros países serão bem-vindos.

Saint Louis (E.U.A.)

Uma etapa americana da «Peregrinação de Confiança» terá lugar em St. Louis (E.U.A.), onde as tensões étnicas permanecem activas após os acontecimentos de Ferguson há dois anos. Uma série de serões para reunir pessoas de diferentes Igrejas para um tempo de oração e de partilha culminará num encontro de 26 a 29 de Maio, com a participação de jovens de toda a América do Norte.

Egipto

Com irmãos e jovens de diferentes países, o irmão Alois estará no Egipto de 26 de Setembro a 1 de Outubro, para visitar particularmente a Igreja Ortodoxa Copta.

De Wittenberg a Genebra

Neste ano de 2017, por ocasião do 500º aniversário da Reforma Protestante, a Comunidade de Taizé foi convidada a animar duas orações:

- Sábado, 27 de Maio, em Wittenberg, cidade de Lutero, no contexto do Kirchentag da Igreja Protestante Alemã;
- Sexta-feira, 3 de Novembro, na catedral de Genebra, por ocasião do encontro de jovens organizado pela Federação das Igrejas Protestantes da Suíça e pela rede das Igrejas Evangélicas.

Basileia 2017-2018

O quadragésimo Encontro Europeu de Jovens terá lugar de 28 de Dezembro de 2017 a 1 de Janeiro de 2018 em Basileia, na Suíça.

Para detalhes sobre os diferentes encontros, ver www.taize.fr/pt